

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornalo acessivel a todos, sem descurar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil o de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, omfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desocheado e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reolame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta do pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreates, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a fiação d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 18 de Junho de 1921

NUMERO 8

SUMMARIO

ROGERIO, O RUDE—Raul Pompeia.

UM PROBLEMA DE PSYCHOLOGIA—Léo Vaz.

A FUGA—Affonso Arinos.

NOITE DE SÃO JOÃO — Luis Carlos.

“MÃE., MARIA — Olavo Bilac.

JESUS — Thomaz Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes éscriptores

— Euclides da Cunha — Viriato Corrêa.

Vida Literaria — A «Atlantida».

Os nossos poetas — Paulo Eiró — Amadeu Amaral.

Paginas Celebres — De Anacreonte.

ROGERIO, O RUDE

E um velho appareceu. Muito velho; os cabelos brancos, encacheada coma, desciam-lhe aos hombros, tão brancos, tão realmente prata, que todo o ouro do dia nascente não conseguia dourar. Perdia-se sobre aquelle inverno; todo o esforço de um sol pujante de primavera.

— Vens, talvez, ao meu appello? Ninguem me póde valer. Queixo-me do passado irrevogavel que me preparou esta vida de amarguras. Não ha remedio.

— Nada desejo, entretanto, para mim; meu filho é a minha aspiração e o infeliz, tão moço, é já um, condemnado. Eu o quizera illuminado e a escola o repelliu. Crescem-lhe pellos á beira da testa, como orelhas de onagro, e eu lhe quizera um perfil de medalha. Indico-lhe a cidade, o caminho largo do successo, e o selvagem reclama o campo, o campo. Quizera vel-o calcando aos pés o galanteio das princezas, tapete de corações!... e vou sorprendel-o a desabotoar as virtudes camponias cheirando a estrume e a feno...

— Tranquillisa-te. Teu filho será grande. Mas é preciso que me ouças. Deixa cahir a fouce; o trabalho é a escravidão. Miseros, aquelles que se escravizam á gleba. O pedreiro accumula a alvenaria, sobrepondo custosamente as lascas de rocha: edifica o fundamento e o esqueleto da muralha. Veio o pintor e encobre a valia de todo aquelle trabalho com a ligeira camada de tintas. E o ar-

chitecto vem e debuxa a linha aristocratica do arabesco, que é como uma inscripção em que se recommenda ao futuro a gloria. E o estatuario sobre o monumento do pintor e do architecto apoia uma grande estatuá, azas de bronze abertas para o ceu, como um anjo insolente de genio, presto a escapar-se para a apothese. Quem vae lembrar-se, deante d'esta grandeza, do obscuro operario da muralha? O pedreiro trabalha; é o servo; os outros triumpham. Triumphar é fabricar apparencias. O melhor pedestal da nossa victoria é o despeito da concorrência. A evidencia fére o despeito com um deslumbramento. Fabrica a evidencia e verás.

Nada me pergunes. Bem sei do que digo. Sou muito velho. Chamam-me zombando a *Experiencia*, e eu me chamo Seculo. Sou filho do Tempo e vou... meu destino é ir. Os dias são os meus irmãos; passam por mim, conheço-lhes o sorriso. Toma. Este é o cofre dos meus recursos. Retira a mão, cheia quanto precisares. O condão mysterioso da carta guarda expedientes contados pelos teus desejos. Tudo terá teu filho. Será grande, illuminado, poderoso. Vencerá distancias sociaes e altitudes de prestigio. Fidalgo? E' pouco. Principe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Elle será Papa! Chamar-se-á — Leão."

E o velio extinguiu-se numa evasão de sonho, desfeito em nevoa, em nada, como uma fórmula de

vapores no espaço, deixando apenas por momentos a impressão lucida, das alvas barbas, como a lembrança de um meteoro.

* * *

— Fabrica a evidencia e verás, disséra o velho, fabrica a evidencia. Mas é incrível! A alma latente do mundo não revela assim... mas este cofre é real, é positivo. Uma illusão palpavel? Abramol-o e ensaiemos."

Aberto o cofre, foi como um derramamento de Paraizo. Expandiu-se no ambiente uma sensação de ventura, que chegou até ás flores. Os penduclos dobraram-se vencidos, ternos da morbidez langue do ar.

— Que meu filho appareça!

E mal fôra este desejo enunciado, eis que surgiu em pessoa, Rogerio, o rude, olhos obliquos de selvagem, pellos fartos á beira da testa, como orelhas de onagro.

— Que me quereis, pae?

— Que sejas nutrido.

E allí mesmo, a olhos vistos Rogerio inchou como um balão, arredondou-se de plastica; exhibiu-se ás ambições paternas, bochechando como um sopro de Eolo, alteadas as protuberancias da carne em polpas de adipe, avançando o ostensivo umbigo, em prospero ventre de Sileno joven.

"Que sejas bello."

E no mesmo instante, sobre a gorda prosperidade, abriram-se as rosas da formosura. Esvahiram-se os pellos, de onagro, o olhar obliquo de selvagem endireitou-se em franca perpendicular, temperada de atrevimento. Fossem lá reconhecê-lo dentro d'aquella frescura macia de côres, e de carnes, esgaravatar-lhe a minguidissima parcella de boçalidade agreste que lhe servia de alma, nos intersticios da ironia d'aquelle perenne sorriso da bailarina petulante!

"Que detestes convictamente o campo e todas as suas tentações."

E no coração de Rogerio nasceu, de subito, estranho mal estar, a febre dos predestinados; especie de saudade absurda de cousas desconhecidas, grandes ruas, vastas praças, tumulto e movimento durante o dia, luz e festas durante a noite; sêde de viagens e fome de aventuras, avidéz intensa por grandes tentativas e maiores exitos. Apagou-se a memoria dos primeiros annos, a memince de poldro solto, a adolescencia de bode farto. Fugiu-lhe de vez o aferradissimo apego aos idyllios do estrume e dos feños.

"Parte, meu filho, e vae pelo mundo. Grande has de ser, illuminado e poderoso. Fidalgo? E'

pouco. Príncipe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Tú serás Papa! Chamar-te-ás Leão. Parte!"

E tantas vezes abriu-se o cofre dos recursos, que Rogerio, o rude, subiu ao throno pontifical.

Mordei-vos despeitados! Invejosos, imitadores e plagiarios, basbaques das honrarias, que levas a vida olhando para o alto, impotentes de todas as categorias, e de todas as ambições, mordei-vos! Elle triumphou. Enthronizou-se no superlativo da pose. Tudo que se ama na terra, de brocardo e ouro, tudo elle foi; hoje, é Papa e chama-se Leão. Dobrai o joelho; beijae-lhe as pegadas, que cada prego de seu calçado gráva no chão um sello de santidade. O favor de um só de seus olhares exalta-nos e nos enche com a munificencia de Ashaverus. Que se ha de fazer ao homem a quem el-rei quer honrar? Elle olha e basta. Aquelle olhar veste-nos de linho real, e, sobre opulentos jaezes de um corcél altivo, passeia-nos através de uma capital em delirio.

Roma é o scenario de seu triumpho, a herdeira universal do esplendor artistico das edades, do apparatus ostentoso da humana vaidade nío passado, metropole arrogante de todas as emphases do catholicismo, orgulhosa das glorias dymnasticas das proprias tradições.

Lá está.

Deante rojam-se os cardeaes, fazendo agitar-se em mar de sangue a multidão dos hombros, em cabeções vermelhos. Mais baixo, no escuro, a massa miseravel de uma população prostrada. D'essa humilhação e d'essa sombra, eleva-se apenas, medroso ainda assim de se elevar, um murmurio de prece. Ao redor do throno, sob o docel, vistosa homenagem de Arte, imagens que passam com expressão celestial dos rostos de Fra-Angelico, visões da capella Sixtina, academias funambulescas que se contorcem, acrobatas do terror, que se despenham de toda a altura do ceu e da Fé — povoando o espaço de aspectos contradictorios, em grandiosa desordem, emquanto vibra e avulta, solemne na cupula enorme, a musica dos extases de Santa Cecilia.

E elle no centro, Rogerio, hoje Leão, nutrido e bello, em seda branca da côr das transfigurações, sob a thiára de ouro, pasmado de se ver tão grande, mal avistando ao longe, na multidão, o pae que o adora de baixo, acaçapado e satisfeito!

* * *

Até que um dia, notando-se-lhe espantosa immobilidade, como se pela magia transformadora das grandezas, acabasse por se consubstanciar o

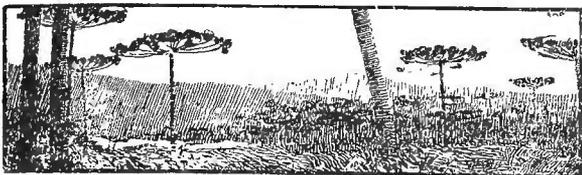
enthronizado com o throno, alguém, ousado, subiu até a eminencia a verificar.

Levantaram-lhe a thiára como uma tampa, e viram maravilha! e viram nõ fundo, secco, mirrado e reduzido...

Rogério, o rude, morrera havia muito, dentro d'aquella armadura de esplendor e de apparencia, da nostalgia de seus campos, represalia terrivel da boçalidade ludibriada.

Rio, 1887.

RAUL POMPEIA



UM PROBLEMA DE PSYCHOLOGIA

Que haveria?

Eu sempre conhecera o Joaquim alegre e disposto, rindo á larga ao meu primeiro ameaço de piada, sempre prompto para as troças e garotadas estudantinas, risonho como uma creança sadia em dia de festa, dizendo-me quotidianamente alguma anedota, em que a sua perenne jovialidade descobria farto manancial para gargalhadas intermináveis que fundamente me confortavam.

Porque estaria assim mudado, ao começo daquelle anno, sem motivo visivel e apesar mesmo dum benevolo augmento da mezada? Que diabo teria elle? Que dramas profundos e terriveis teriam fechado aquelle espirito, outrora sempre aberto em mudas confidencias? Estaria doente? Apaixonado? Dar-se-ia ao jogo?

Em vão formulava eu, mentalmente, estas interrogações, a que os factos respondiam logo pela negativa. Em vão interpellava-o directamente:

— Que diabo, Joaquim, estás mudado!...

— Porque? redarguiu elle, de manso; é engano teu; não estou tal. Talvez o mudado sejas tu, e...

Era inconsciente o pobre rapaz. Não tinha o vicio das miradas introspectivas. Para elle, estava intacto; e só poderia descobrir-lhe variações quem o examinasse com olhos diferentes.

Então resolvi pesquisar por conta propria. A solução daquelle caso ia-se-me tornando uma ideia fixa e, naquelle tempo, todas as minhas ideias se tornavam fixas em pouco tempo, porque eu era

psychologõ. E psychologo com todas as consoantes é vogaes pronunciaveis, *psicologo* articulado integralmente, como *piscina*, e não esse outro vil psychologo barato e vulgar, dos que lhe emprestam a prosodia de *psalmo*.

Todo o mundo sabe como a psycholomania é uma molestia insidiosa.

E eu soffria-lhe, successivamente, todos os effeitos, um dos quaes foi a obsessão do caso Joaquim. Dera-me na telha que havia de descobrir a causa primaria da misanthropia do meu bom amigo e eu punha nisso o ponto de honra de toda minha psychologuice.

Assim, quando vi baldadamente exgottados todos os recursos da pesquisa directa sobre o moral do Joaquim, resolvi procurar no meio ambiente o que me não dera o primeiro methodo.

Este meio ambiente era, ao tempo, summamente consideravel para nós, os psychologistas, e de toda a minha psychologia esvahida ao depois, com a idade, o que mais sinto é ter perdido a noção exacta de tal meio, cujo auxilio, no caso, me foi dos mais proficuos.

Do que me recórdo, o meio ambiente de Joaquim era o seu quarto, pois foi ali que concentrei as minhas indagações.

Remexi com indiscreção propria de psychologo as gavetas de sua mesa de estudos, vasculhei sob o colchão possiveis cartas lyricas, afastei a oleographia dum Othelo de parede, forcei a caixa da roupa, farejei, apalpei, escutei por todos os intersticios dissimulados e dissimuladores... Puz no avesso velhos bolsos de colletes vetustos, sacudi umas chinellas veneraveis que jaziam aposentadas num canto. Nada! Joaquim parecia tão ligado ao seu meio ambiente como ás manchas do sol...

Eu estava já naquelle estado de espirito bem conhecido de quem já foi psychologo, quando, distrahidamente, os meus olhos pousaram sobre uma folhinha de desfolhar, viuva já do chromo, fixada por um prego, á cabeceira da cama. Lembrei-me de que inda não inquirira aquella testemunha dos secretos pesares do meu camarada e, embora convencido da inanidade daquelle esforço, como honesto psychologo que era, dispuz-me a mais uma tentativa.

Bemdicta honestidade! Se acaso a tivessem egual todos os psychologos passados e presentes, certo a psychologia estaria hoje num outro pé...

Mas voltemos ao caso. Tomei o *block*, arripiei-lhe as folhas e descobri a verdade. Estava alli, perfeitissimamente alli, nas minhas mãos, a chave do mysterio. Naquelle pobre folhinha!... Foi

quando eu aprendi a admirar bem profundamente esse capricho da Natureza que só revela os seus segredos aos distraídos como eu, Newton, Archimedes e alguns outros. Foi também quando, tomado de uma universal benevolência, eu perdoei aos sábios a escassez das suas descobertas. A Natureza tem coisas... \

Mas é assim: eu descobrira a causa da metamorphose do meu amigo. Aquellas folhinhas, como todas as folhinhas, traziam, no verso, alguma cousa impressa, destinada á leitura matutina dos que costumam trazer o seu tempo bem contado. Mas, fugindo ao geral, que lhes reservou sempre, para aquelle effeito, as anedotas, ditos agudos e facecias, a folhinha de Joaquim, em vez, trazia umas rígidas maximas moralistas, dignas do mais austero Marquez.

Lembro-me d'algumas, que podem dar bem amostra da forma e do fundo:

“As mocidades ruidosas, velhices saudosas”.

“Quem não olha para a frente dá com a cara no batente”.

“Os ultimos serão os primeiros a encontrar a porta fechada”.

“Respeitae os mortos: elles nos deixam logares vasilos”.

“Não remendes o teu pauno: elle se rômperia noutro ponto”.

“O pudor é a valorisação da nudez”.

“Quanto mais se sobe mais caçado se fica”.

“Quem dá aos pobres prolonga a miseria”.

“Vintem poupado, gosto perdido”.

“Depois de viver, todos outros desvarios são admissiveis”.

“Quem cospe para o ceu nunca viu uma escarradeira”.

“Em casa onde não ha pão, alguém vae á padaria”.

“Dae de comer a quem tem dente”.

E outros igualmente profundos.

Pois estava alli a fonte dos pezares do Joaquim. Elle tinha o habito de ler invariavelmente, methodicamente, as suas folhinhas. Noutro tempo, quando ellas traziam as pilherias tradicionaes, eram para o seu espirito como um banho lustral quotidiano, desopilante, que lhe dava aquella indole risonha que me encantava.

Agora, nesse anno nefasto, os pezados brocados infundiam-lhe, sem que o meu pobre amigo o suspeitasse, aquella grave sizudez, aquella ar recatado e sombrio de pae de familia desempregado, que me assustava e intrigava.

Lisongeados nos reconditos do meu entranhado

psychologismo, resolvi salvar o amigo periclitante. Corri ao meu quarto e após demorada busca descobri um outro *block* para quem o tempo se havia crystalisado no terceiro dia do anno.

Era dos antigos. Tinha as facecias. Pul-o em dia e sobre a cabeceira do Joaquim. O outro, o moralista, precipitei-o na valla commum que existia sobre um velho armario de roupa, o valle de Josaphat de todas as nossas intimidades.

Foi um milagre. Ao outro dia Joaquim, ainda não de todo restabelecido, era já bem outro.

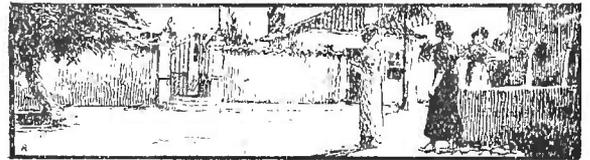
Reciteu-me a primeira anedota e em uma semana, ninguem suspeitaria do immenso drama que perpassara no intimo daquela alma.

E gracejando, perguntava-me muitas vezes, trocista e ironico:

— Então, Léo, ainda me achas muito modificado?

E me encabulava terrivelmente, o Joaquim.

LÉO VAZ



A FUGA

Pelas estradas barrentas, no mcio dos rugidos do temporal desfeito, quando a ventania disparava pelos campos em arranco de boiada, e, topano o capão além, constringia-o na medonha luta, ouvia-se, ao esmorecer das vozes do trovão, um tilintar de correntes, cadenciado, rythmico, acompanhando o estrupido de passos fortes.

O viandante tresmalhado, ou o vaqueiro que se recolhia a deshoras, ébrio, das delicias do batuque, fugiria apavorado, julgando ver no som das correntes arrastadas a penitencia de alguma alma penada, — quem sabe se a do pobre Tristãozinho, espancado ha tempos, brutalmente, ali mesmo, á beira do rio, quando de volta da casa de Paquinha, procurava desamarar a canôa para a travessia?

O tilintar das correntes, cadenciado, rythmico, fugia, a pouco e pouco, pela estrada afóra, abafado a espaços pelo glú-glú das enxurradas, que, sopitadas nos caldeirões do caminho, estancavam, reunindo forças para se derramarem depois, intepetuosas, assoberbantes, pelos sulcos de carros de bois até ao longe, no grande rio.

Dous condemnados da Extracção, escravos reúnos, confiscados a seus donos pela Real Fazenda, aproveitando-se da tempestade, fugiam da rancharia junto de uma gupiara á beira do correjo, onde eram obrigados a trabalhar para El-Rei, como galés, no serviço da mineração de diamantes.

Percebida a fuga, foi dado o alarme, pouco depois, ao som rouco de corneas buzinas, e a força de dragões avançou confusamente, dando descargas para aqui, para acolá; mas recuou logo, pela improficuidade da perseguição nessa noite tormentosa.

Os dous fugitivos porfiavam por metter aos sabujos grande espaço em meio.

— Não aguento mais, Isidoro!

— Agarra-te a meu hombro e vamo-nos embora. Olha que os fulares não tardam.

— Valha-me, Senhora da Abbadia!

— Não esmoreças, Bento. Estou-te desconhecendo. Não pareces o mesno cabra que aquelle dia tirou a scisma do macho ruão, no terreiro da Cacimba.

— Dóe-me tanto o peito, que me responde cá nas costas. E que descarga damnada! Os judeus me metteram uns dous balaios aqui no braço e na perna. Foi Deus que não os deixou acertar em logar mortal.

Por cima de tudo, a pontada, esse demónio de pontada perto da maminha, desta banda...

A marcha dos fugitivos enfraquecia. Já não era o mesmo pisar forte, seguido do ranger dos grillhões.

Abeiravam, então, o Jequitinhonha, cuja presença era indicada pelo estalar das aguas em plena cheia. Ouviam já o som cavernoso do rio, rolando formidavelmente, no meio dos ribombos causados pelas grandes arvores, arrancadas a custo pela furia da corrente, precipitando-se no abysmo das aguas com gritos despedaçados dos ramos e raizes.

Dentro do camião, denunciando aos tredos caminhantes por um grau mais intenso de sombra, tomaram folego, pavidos, baixando instinctivamente a cabeça com a sensação da grande massa negra, informe, que lhes pairava em cima. No pandemonio de sons e movimentos que se advinhavam no bojo da atra escuridade, presentiam lutas supremas de troncos contra os estirões da borrasca, inundações de ninhos, dramas tragicos de animaes silvestres mortos pela queda dos galhos e outros arrastados pelas enxurradas; uivos entrecortados de onças abrigadas nas lapas al-

cançadas pelas aguas, junto aos filhos ainda aquecidos pelo calor materno; berros de sucurys despertando do somno costumeiro com as notas vibrantes e sonoras da tempestade.

Isidoro carregava já seu companheiro, arcando ao peso, roncando de esforço a cada passo, incerto, titubeante, no meio da estrada.

O vaqueano sentiu perto o rio e, norteando-se ao clarear dos relampagos, entrou á esquerda, por uma trilha de anta, que conduzia a uma grande rocha á beira d'agua, seu pesqueiro habitual em outros tempos.

Acocorou-se ahí com o pobre do companheiro, que nem falava mais. Suspirando longamente, quedou-se, resignado, á espera da madrugada.

Serenou a tormenta.

E, já na meia claridade da ante-manhã, uma sensação subita de frio principiou de invadir os miseros. Era a grande massa d'agua, farrusca, ameaçadora, que grimipava a pedra, traiçoeiramente, como um jacaré que se arrasta, subtil e feroz, na algidez repellente de sua pelle escamosa, querendo pilhar a presa durante o somno. Espessa camada de neblina cobria toda a superficie do rio, montando, da flor das aguas, pelas barranceiras acima, aos ramos mais altos do matto frondejante. O tope de arvoredo rasgava no alto o denso véo cinzento, que se esfarrapava, prendendo nas pontas da galhada longas flammulas brancas, arfando serenamente ás auras matutinas.

Os tons róxos do ceu iam cedendo a uma coloração de ouro tenuissima, que se accumulava ao longe, na barra do horizonte, onde o rio num prestíto triumphal de pequenas ondas muralhosas, parecia perder-se no espaço illimitado.

Longas fitas de ouro e purpura cairelavam o céu na commissura do rio, sobrepondo-se parallelamente, até se afogarem no pélogo de nimbus que refluia de onde se arqueava o firmamento.

— Eh lá! companheiro! Esperta e vamos embora, batendo matto pela beira do rio. Olha que enchente! Vigia: se nós cochilamos mais um boccadinho, a agua nos papava.

E, meio estarrecido da longa quietação e do frio, Bento estremunhou distendendo os braços com gritos de dor das feridas.

— Assim, com esse inferno de corrente pesada, eu quasi não me posso mexer — disse Bento, batendo o queixo, apertando no corpo o timão de baeta já meio enxuto.

Isidoro lembrou-se, então, da lima finissima que lhe dera, ha tempos, o Chico Julio e de que se

não pudera servir na precipitação da fuga. Começou a cerrar vigorosamente o anel de aço que rôxeara o tornozelo do seu pobre companheiro. Depois, prendendo num gancho de ferro pendente do cinturão de sola toda a corrente, que lhe subiu do pé pela perna acima, exclamou:

— “Vamos ganhar a estrada!” E, suspendendo o companheiro por baixo dos braços:

— Corpo duro! Nós já desnortamos os fulares, que andaram bestando pelo matto. A chuva apagou os rastros, mas elles podem andar farejando por ali; eu deixo para limar minha corrente na venda do Chico Julio.”

lam começar a marcha, quando estacaram de chófre, estremecendo, com o estrepito de um corpo que cahia pesadamente na agua. Assumptaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruido igual e, não longe duas ou tres capivaras que se precipitavam no rio, assustadas com a presença de taes franduleiros nos seus dominios.

Tranquilizados, partiram, numa farfalhada de folhas molhadas e de taquaras que se quebravam, assustando as jaós, fazendo os nhambús occultar as cabecinhas no meio das folhas, levantando para o ar o uropygio coberto de frouxeis.

Queriam atravessar o rio a nado, fóra de porto frequentado, onde pudessem ser vistos, mas a fraqueza de Bento, fel-os hesitar diante da impetuosidade da corrente.

Encontrado, alfim, um espraiado, onde a enchente, sem a constricção de barrancos, podia pavonear suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio seccas, cujas hastes se erguiam, ainda rectas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada.

Isidoro encontrou, arrancada pela ventania da vespera, uma folha de coqueiro, cujo tallo lhe serviu de remo.

— Encommenda a alma a Deus e vamos embora. Tu não tens alguma oração contra enchente? Esta jangada é muito leve e nos aguenta, mas não por muito tempo, porque a pita encharcando afunda sob o peso. Segura bem, rapaz!

Cavalgaram a jangada e fizeram-se ao largo, demandando um portosinho na outra margem, muito em baixo.

Bento acurvou o busto, azindo fortemente a estiva.

Ao ganharem o fio da corrente, a jangada foi fortemente impellida para baixo e Isidoro come-

çou a lutar a grandes remadas, para approximar-se da margem opposta. Então jangada e tripulantes se confundiram, se unificaram, semelhando, no movimento que se lhes percebia, o dorso mosqueado de um suruby retouçando ao sabor da correnteza.

Quasi não se lhe notava a marcha, mas sentia-se que um esforço vivo e intelligente, terrível e heroico, lutava contra a força esmagadora da natureza omnipotente.

Conseguiram vingar o portosinho, que era antes um bebedouro de animaes.

Sahindo d'agua, tiraram os chapéus de couro e puzeram as mãos, levantando os olhos ao céu, em profundo reconhecimento pela salvação; já não temiam os fulares, nem os tiros de réunas.

A jangada que tinham abandonado lá foi, boiando sempre, topar uma grande arvore esgalhada, fluctuando tambem. Outros ramos se lhe foram juntar e mais uns réstos de macégas e garranchadas, que formaram um batel selvagem, todo franjado de espumas pardas, no qual pousava ás vezes um martim-pescador, soltando gritos estridentes, numa alacridade de victoria e de fartura.

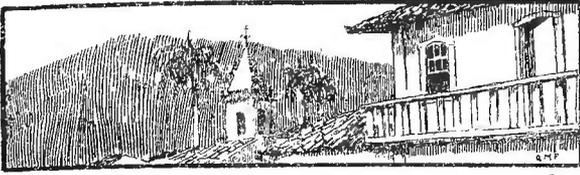
O sol illuminou, ainda baixo e frio, o campo de batalha da vespera; beijou, reverente, numa caricia de vassallo humilde, a face do rio, que pompeava seu poderio, ostentando os despojos da liça com os bosques marginaes e rolando sempre, no meio de um como “ave! triumphator!” da natureza.

Do outro lado, lobrigavam-se ainda, pequeninas, amesquinhas, as figuras dos fugitivos.

Esses primeiros raios do sol no levante, esbaltando suas cabeças, aquecendo seus corpos meio entorpecidos e alquebrados de soffrimento e de fadiga, pareciam ter uma caricia de amor e piedade para os miserandos, um resplendor de victoria para os lutadores.

AFFONSO ARINOS





NOITE DE SÃO JOÃO

— Porque estás amuado, meu amiguinho? Quem te fez mal? Levanta-te dahi da soleira e vem dar-me um abraço. Porque has de ficar ao relento?

— A *vósinha* bem o sabe. Sou creança como as outras; preciso brincar. Veja... lá vae um foguete comprido riscando a noite; acolá um balão de tres côres subindo; além, um pistolão arrotando fogo... Todos os meus amigos estão rindo, pulando, dando vivas a Santo Antonio... e eu aqui abandonado, sem um companheiro! A *vósinha* é que é a culpada. Porque não me quiz dar uns vintens para eu comprar rodinhas? A *vósinha* tem tantos, dentro daquelle lenço amarrado a dois nós!

Todo o arraial era, naquella noite, uma diffusa phosphorescencia multicôr. Balões polychromos pontuavam phantasticamente a treva. Retalhavam-n'a em largos rasgões os estoirazes foguetes.

— Olhe, *vósinha*, veja só si eu não tenho razão. Todos se divertem; todos festejam o santo padroeiro. Só eu aqui! Só eu, em casa, preso como nos dias de licença! Santo Antonio! Santo Antonio! Tanto prometti ao Juquinha ir hoje comprar-lhe, na barraquinha, bombas e buscapés. Mas, a *vósinha* já não parece a mesma. Nem um vintem! Santo Antonio até pôde pôr castigo aqui!

— Ora, ahi está. Tu és ainda muito creança para avaliar as cousas. Não te dou dinheiro porque não te quero vêr na cama. Bem sabes que não estás hoje de bôa saude. Não convêm, portanto, que apanhes o ar da noite. Santo Antonio é muito bom; não pôde aqui castigo algum. O oratorio está acceso. Tambem lhe accendemos fogo a elle. A vela está lá. Vem dahi. O frio entra cortante. Espera por S. João. Havemos de o festejar.

O louro e franzino Lili ergueu-se; distendeu os membros num molle espreguicamento; fitou uma ultima vez os olhos lacrimosos nos balões esparsos no ar e entrou.

A tropega velhinha abraçou-o; pegou-lhe do descarnado ante-braço e afagando-lhe com a ou-

tra-mão a dourada cabeça, levou-o para o quarto. Deitou-o.

Lili beijou-a com resignação e fingiu dormir. Entrou-lhe o cerebro de conceber, para logo, poeticamente, a perspectiva exterior da noite de Santo Antonio. Cruzavam-n'ô como lucidas idéas, as imagens dos multiplos balões, que deviam estar constellando maravilhosamente, lá fóra, o céu negro da noite.

A enfezada creança suffocava, a medo, soluços e lagrimas.

Emquanto isso, d. Constança, a velha *vósinha*, rezava constrictamente as ultimas Ave-Marias do terço consagrado a Santo Antonio.

De vez em quando, o estrondo retumbante de uma bomba sacudia o velho casebre em que placidamente transcorria a existencia silenciosa daquelles dois extremos da vida.

Depois, vinha uma pausa. A breve trecho, o remoto estoirar de uma gyrandola, num echo surdo, perdia-se frouxamente nos longes da noite.

Veiu, enfim, o ultimo silencio e o arraial socegou numa larga expressão de somno.

No dia seguinte d. Constança, ao dar o beijo da benção matinal, na testa do netinho, sentiu-a furtivamente morna. Inquietou-se; levou as costas da mão ao ventre do menino; teve um gesto de simulação; mas não logrando modificar o effeito de terror panico, que a tomava, mandou chamar o boticario Mauricio.

— A *vósinha* não quiz que eu atirasse fogos a Santo Antonio. Ahi está. Fiquei doente. A culpa é sua.

— Não digas tolices, meu amiguinho. Tu já estavas doente e si eu consentisse que fosses ás fogueiras é que seria então, um Deus nos acuda.

O boticario Mauricio, dentro de pouco, se apresentou minucioso e solícito.

Não era nada; uma pouca da febre decorrente, quiçá de um resfriamento; figado volumoso; ventre tympanico, mas estado geral bom. Lili estaria de pé com mais dois dias de cama.

O rosto encarquilhado da velhinha rejuvenesceu momentaneamente, num sorriso fugaz.

Era mister, agora, a administração criteriosa dos remedios receitados.

O pequenino enfermo offerencia tenaz resistencia á ingestão dos medicamentos.

Mas... as *vósinhas* sabem sempre suggestionar triumphalmente a ordem, quando se lhes antolham as rebeliões infantis.

Como recompensa ao sacrificio de ingerir as drogas do *seu* Mauricio, Lili celebrára com D.

Constança, um pacto solemne, em virtude do qual devêra ganhar um immenso balão de muitas côres, da altura da casa, para a noite de S. João.

A' tarde desse mesmo dia, foram á casa da velhinha, em visita ao doentinho, *seu* Geraldo, vendedor da esquina, e o Juquinha, seu filho, festejado proprietario da barraquinha de fogos.

O pequenino enfermo ouviu maguadamente a narrativa movimentada e alegre da festa de Santo Antonio, feita, ao vivo, no quarto, pelo minusculo negociante dos fogos.

De quando em quando, procurava disfarçar, num sorriso triste, o effeito de uma lagrima, que irresistivelmente lhe deslisava pela face. Oh! injustiça das cousas! Porque havia de ser elle no arraial o unico menino privado daquelle goso?! E, no curso destas desalentadas considerações mudas, eis que lhe acode á lembrança a promessa da *vósinha*. Reanima-se de repente; solevanta-se no leito e, agitando no ar a mãosinha num raptó de entusiasmo, dirige-se ao Juquinha:

— Pois, olhe, havemos de passar um S. João melhor. A *vósinha* prometteu-me um balão enorme, de muitas cores, da altura da casa. Olhe os vidros dos remedios: estão quasi vasos. Amanhã já estarei bõem.

* * *

Seu Mauricio voltou diversas vezes ao casebre de D. Constança.

As melhoras do pequenino enfermo accentuavam-se.

O curandeiro exaltava os effeitos da sua therapeutica e o enfezado Lili, no abstracto deslumbramento do seu sonho, antegosava o dia de São João, palpando imaginariamente os gommos do balão promettido, cada vez que, por acção do vento, a saia da *vósinha*, avolumando-se, lhe passava ao alcance da mão.

* * *

Chegára a vespera de S. João. A noite ia pelo espaço, desenleando a eterna meada de estrellas...

O Juquinha exhibia a barraca toda ornamentada e cheia de fogos.

Nesse dia, Lili acordára peor: faces cavadas; tosse offegante; febre...

Ao tombar da noite, aggrava-se-lhe a molestia.

Seu Mauricio é chamado urgentemente.

A sóbria illustração do boticario lucha gigantemente com a insufficiencia economica do organismo da creança.

A noite passava entre os esguios e luminosos pontos de admiração que lhe insculpiam na treva os foguetes.

O silencio voltou. A madrugada transpareceu e a estrella d'Alva, em pouco desmaiou, voluptuosamente, ao contacto sensual do labio rubro do sol.

Raiára o dia de S. João.

Lili, esqueletico, amanhece escancellando os labios, na ancía de saciar aos pulmões a cêga sêde de ar, que os resequia: As nariças dilatam-se-lhe; os punhos crispam-se-lhe nos lençóes; os olhos nublam-se-lhe frouxamente velados por uma sombra etherea. O cerebro estala-lhe, na vibrante exaltação do delirio:

— O balão da altura da casa... o balão...

A velha *vósinha*, ao lado, enleia ao rosario que tem nas mãos, outro rosario de lagrimas...

Na transfiguração sinistra do susto, *seu* Mauricio estagna o olhar dilatado sobre o rosto livido do pequenino moribundo.

Os foguetes, entretanto, começam de assobiar pelo espaço. Toda a lépida infancia do arraial chilrêa, em regosijo, pelas ruas...

Sem attentar, sequer um momento, no estado de saude do amiguinho, o Juquinha faz uma fêria farta, entre risadas e vivas a S. João.

E o Lili, cada vez mais livido, mais indefenso, esvaia-se abandonado, entre a *vósinha* e o *seu* Mauricio apenas, como se evola, no abandono selvagem de um campo o perfume subtil de uma açucena...

* * *

O arraial allumiára-se, ao flammivomo clarão das primeiras fogueiras... Enchia sempre o ar a aguda algaravia da infancia aloucada e livre.

A noite de S. João estendeu-se fria...

As estrellas entraram de tremeluzir timidamente pela vastidão suspensa, como si todo o Céu fosse um vibratil calafrio luminoso...

Emquanto isso, no humido recesso do casebre de d. Constança — mãos cruzadas ao peito, entre quatro vélas frouxas, que bruxoleavam com crepitação, desgastando-se em compridas lagrimas — já dormia, muito alvo e muito tranquillo, o pequenino corpo do Lili.

A velha *vósinha* e o boticario recostados, então, silenciosamente ao parapeito da janella, entreolhavam-se, a espaços, numa intima impressão de angustia rebellada, em face da vibração de felicidade, que arastava o arraial...

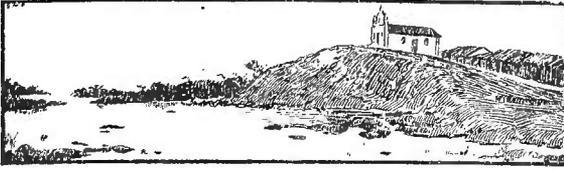
Dealbava o levante um immenso clarão desmaiado, que ia aos poucos, desvelando as cousas...

E, assim, surdiu da treva o vulto irrequieto do Juquinha que, apontando alegremente aos companheiros a apparição do oriente, sobrelevou á

algaravia infantil, numa voz sibilante, que repercutiu pelas quebradas:

— Olha, gente, parece que lá vai subindo o balão do Lili. E a lua cheia assomou phantasticamente na cumeada da serra.

LUIS CARLOS.



“MÃE” MARIA

— É ainda esta, — disse-nos Amancio — no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, a recordação mais funda que guardo dentro da alma.

Fechados os olhos para mais claramente evocar o memoria dos dias de minha infancia, vejo logo nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha Mãe Maria. Tão velha!... Quando nasci já o seu cabello encarapinhado embranquecia. Ainda viveu commigo uns treze annos. E nunca ninguem me soube dizer onde morreu, nem onde foi dormir o ultimo somno o seu corpo de velha escrava, alquebrado por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

Comprar e vender escravos era, naquelle tempo, uma cousa natural. Ninguem perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguem procurava saber de onde vinha a carne de que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois do seu nascimento, meu pae a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrivel: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e callejadas eram saccudidas de um tremor convulsivo.

Comnosco, a sua vida foi quasi feliz. Na cidade o captiveiro era infinitamente mais brando do que na roça. Aqui, si havia o trabalho sem tregoa, não havia ao menos o chicote do feitor. Lá fôra sim! lá fôra, era a labuta esfalfante do *café*, os dias terriveis sob o sol implacavel, a comida pouca e o castigo muito. Maria, quando eu ás vezes lhe perguntava o que era na roça, ficava calada, olhando o chão, como se estivesse revendo o horror dessa vida antiga. Um dia despiu a meio a camisa de algodão grosso, e mostrou-me as costas e o peito. A pelle preta es-

tava de espaço a espaço cortada de largos ver-gões, cicatrizes, signaes de queimadura. Eu, com os meus innocentes olhos de seis annos, olhava aquillo sem comprehender. «Como foi isso, Mãe Maria?» Maldades dos homens, sinhôsinho, maldades dos homens...» Certa noite, como ella me contasse unia historia em que se falava de creanças roubadas aos paes, perguntei: «Você nunca teve filho, Mãe Maria?». A pobre negra limpou uma lagrima e não respondeu: mudou de conversa, e continuou, com a sua meia lingua atralhada a contar a historia—uma dessas compridas historias da roça, em que ha sacyperêres e capóras, almas de outro mundo e anjos do céu. E eu olhava-a, com uma secreta magoa... Não que comprehendesse bem aquillo: mas a minha intelligencia de creança já advinhava uma parte daquella vida dolorosa de captiva.

Como ainda me lembro dessas noites!... Era na sala de jantar que tinha uma grande varanda, deitando para o quintal. Estou ainda vendo o velho sofá de madeira negra em que meu pae dormia a sesta, a longa taboa de engommar em que as mucamas passavam a ferro a roupa branca, e perto da mesa em que ardia o grande lampeão de azeite, minha mãe immovel e pallida, na sua feia e enorme cadeira de paralytica.

Moça ainda, ficára ella assim, logo depois de ter eu vindo ao mundo. Como a perdi muito cedo, não me lembro bem dellá: lembra-me apenas que era bonita e não falava nunca. Olhava para mim, para meu pae, para as escravas, com um olhar apagado de louca resignada e mansa.

Assim, a velha Maria foi a minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora edosa, prima de meu pae, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engommadas. Boa Mãe Maria! era quem me lavava, quem me vestia, quem me aturava... Quando eu não queria obedecer, procurava fingir-se zangada, e ameaçava-me: «Nhô Amancio! Nhô Amancio!». E acalmava-me, por fim, promettendo-me uma nova historia. Sentava-se no chão, cruzava as pernas e começava. Ouvia-se apenas na sala o resomnar de meu pae que dormia a sesta, o pigarro da velha prima que cozia, o ruido que faziam os ferros de engommar sobre as taboas, e a voz arrastada de Mãe Maria, falando de sacyperêres, de capóras, de almas do outro mundo e anjos do Senhor.

Todo aquelle enredo fantastico, em que passavam bruxas cavalgando cabos de vassouras, prin-

cipes que roubavam princezas, archanjos que desciam do céu para curar as feridas dos escravos no *tronco*, negras aleijadas, que invocavam o diabo, á meia noite, no meio do matto, e eram afinal arrebatadas por elle numa nuvem de fogo e enxofre, — tudo aquillo se atropellava na minha cabeça, caçando-me, dando-me arrepios e vertigens de medo.

D'ahi a meia hora, pesavam-me as palpebras. Aos meus ouvidos, a voz da Maria chegava cada vez maia fraca até que, quasi sumida de todo, parecia vir de longe, de muito longe, vaga e indistincta como um echo. Eu deixava cahir a cabeça sobre o seu collo, e dormia. E era ella quem, carinhosamente me levava para a cama, era ella quem me despia, e, obrigando-me a ficar de joelhos, tonto de somno, me fazia repetir o *Padre Nosso*, estropiado pela sua lingua de africana.

Quando tive de ir para o collegio, — um internato severo, de onde só sahiam uma vez por anno, — chorei muito tempo, abraçando *Mãe Maria*, agarrado á sua grosseira saia de riscado azul. Ella chorava tambem, chamando-me *seu filho*, beijando-me, consolando-me:

— Vae, Nhô Amancio! vae, meu filho! vae p'ra ser homem! vae, Nhô Amancio! a sua negra fica rezando a Nosso Senhor! A velha fica rezando...

Pela mão de meu pae, fui pela rua soluçando, soluçando...

Oh! os primeiros dias de internato! Que casa! As salas, muito altas e muito claras, tinham um silencio que dava medo. Entre as bancas de estudo, o padre Francisco passeava batendo com força os tacões dos sapatos, fungando pitadas de rapé. Eu, com a morte na alma, lembrava-me da casa, lembrava-me da varanda que dava para o quintal, de minha mãe immovel na sua enorme e feia cadeira de paralytica, da velha prima que costurava, e de *Mãe Maria*... de *Mãe Maria*! e das suas mãos callejadas e reluzentes! e de seu cabello encarapinhado! e de sua voz! e das suas historias! E as letras do livro iam-se confundindo e dançando, vistas atravez das lagrimas que me embaciavam os olhos.

Mas, passou a primeira semana; passou o primeiro mez, passou o primeiro trimestre. Criei amizade aos companheiros. E a minha saudade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Quando o primeiro semestre findou, já *Mãe Maria*, e sua face, e a sua carapinha, e as suas

mãos, e a sua voz, e as suas historias, me appareciam indistinctamente, como ao fundo de um passado remoto. A' noite, quando me deitava, depois do exercicio violento da *cabra-cega* e da *barra*, o somno já não me deixava pensar n'aquella que ficára rezando a Nosso Senhor por Nhô Amancio. Nhô Amancio só se lembrou de *Mãe Maria* quando as ferias chegaram...

— Ah! Nhô Amancio! — dizia a preta chorando de joelhos, beijando-me as mãos — como Nhô Amancio está crescido e bonito!

Um anno de collegio bastára para me transformar. E, agora, eu apparecia á velha amassecas como um novo sinhô-moço, — um sinhô-moço que tinha 11 annos, que já sabia lêr e escrever, que já se julgava um homem, e que ás historias atrapalhadas e tolas de *Mãe Maria* preferia a malha e a gymnastica.

A vida da casa era a mesma. Apenas *Mãe Maria*, não tendo agora sinhô-moço para criar passára a tratar da lavagem da roupa.

E era no quintal que estava agora quasi sempre, de saia levantada, patinhando na agua da barrela, indo de coradouro a coradouro, um pouco mais velha, um pouco mais tropega, mas ainda robusta.

Foi durante essas ferias que se deu o caso, cuja recordação ainda hoje, no fim da minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, é a mais viva das que guardo dentro d'alma.

* * *

Uma tarde *Mãe Maria* lavava roupa no quintal. Desci. Ao fundo ficavam os cercados das gallinhas. Comecei a atirar-lhes pedras. *Mãe Maria* protestou logo: «Nhô Amancio: Nhô Amancio! que maldade, menino! deixa os bichos, Nhô Amancio!». Eu ria e continuava.

Entre mim e os cercados do gallinheiro ficavam os coradouros. As pedras passavam sobre a cabeça da velha.

— Nhô Amancio! Nhô Amancio! Deus castiga, Nhô Amancio! repetia a preta, mas sem gritar, temendo que meu pae a ouvisse. E eu ria. E as pedras passavam por ella, rentes algumas, na direcção dos cercados.

Não sei como foi... Via-a cambalear e cahir, levando as mãos á cabeça, de onde o sangue corria aos borbotões. Senti no coração uma pancada secca, dolorosa. Uma nuvem de pranto me cresceu nos olhos. Corri para a velha, com a garganta suffocada de soluços.

Uma pedra lhe quebrára a cabeça, e o sangue ensopava a sua carapinha dura, já quasi toda branca. Principiei a gritar allucinadamente. E ella, tremula, desfallecida, apertando a ferida com a mão manchada de vermelho murmurava:

— Não grita, Nhô Amancio, não grita! não foi nada! não grita, que sinhô ouvi!

Mas eu gritava. Todo o antigo affecto esquecido renascia ali diante da minha velha Mãe Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pae, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos labios. E olhando meu pae, que indagava a causa d'aquillo, dizia:

— Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amancio, acudiu logo. Não foi nada, Sinhô, não foi nada!

Quando, pensada a ferida, eu, a sós, com ella, a vi salva e repousada,—cahi nos seus braços pedindo-lhe perdão, cobrindo de beijos aquella face que me parecia tão bella, tão clara, tão illuminada como a face de um daquelles anjos do Senhor, de que ella me falava nas suas compridas historias da roça. E ella chorando tambem:

— Que é isso, Nhô Amancio? que foi que Mãe Maria fez?... tinha que ver que Nhô Amancio fosse apanhar uma sóva por causa do cangalho de uma negra velha!...

D'ahi a um anno, quando de novo voltei do collegio, ainda abracei Mãe Maria. Via-a, abraçei-a ainda, pelo Natal, dois annos seguidos. Depois... morto meu pae, morta minha mãe, vendidos todos os escravos da casa—nunca tive quem me dissesse onde foi dormir o seu ultimo somno a minha velha Mãe Maria, alquebrada por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

OLAVO BILAC.

ACABAM DE APPARECER

SIMÃO DE MANTUA

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

Preço 4\$000
Pelo correio mais 500 réis

AMANDO CAIUBY

SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS

Preço 4\$000
Pelo correio mais 500 réis

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & C.

RUA BOA VISTA N. 52
Caixa, 2-B — S. PAULO



J E S U S

«Il faut se rappeler, d'ailleurs, que toute idée perde quelque chose de se putré dès qu'elle aspire à se réaliser».

(ERNEST RENAN — Vie de Jésus).

«Assim que agora nenhuma condenação ha para os que estão em Christo-Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espirito».

(SÃO PAULO — Epistola aos Romanos).

Depois de acalmar a irada tempestade das agoas, Jesus voltou novamente de rumo á Galiléa que deixára para ir á terra dos Gadarenos. Mas agora as agoas eram tranquillias, quietas como a pureza macia do céu azul, refulgentes e meigas como as pupillas do Nazarethno.

Pela região se sabia que na outra banda, logo ao pisar terra firme, Christo fizerá milagres, porque afugentára os mãos espiritos de um louco, prisioneiro de sepulturas onde o recolhiam algemado e agrilhoadado; mas o doido partia as correntes, subia aos montes, descia ás covas onde nas duras e pontudas pedras rasgava a fragilidade de sua carne. Christo o curára; em sujos porcos prendera os immundos espiritos, que com a manada se afogaram nas agoas inquietas; e o louco levou a fama do Mestre a sua terra em Decapolis. Todas as multidões perguntavam quem era aquelle homem que com tanta mansidão acalmava as procellas, dava vista aos cegos, curava corpo e espirito, dizia tão eloquentes parabolias, — e atravez de todos esses milagres era o Mestre-Perfeito? A sua gloriosa fama chegou até Jairo, Principe da Synagoga. E logo sabendo este do regresso de Jesus, foi ao seu encontro, e assim lhe falou:

— Oh! Mestre, ouve a minha palavra porque a minha bocca é um sepulcro de dor. Ha doze annos pela graça do céu, de minha mulher nasceu uma filha a quem amo e estremeço pelos encantos da sua pessoa e pela affectiva bondade do seu coração. E' minha filha; si tu a visses certamente a amarias! Quando ella sahia aos campos, vinham as ovelhas e os cordeiros comer aservas á palma de sua mão, — fresca como um lyrio dos montes, rosada como a aurora em Beth-

lém; e as andorinhas revoavam em torno de sua cabecinha loira, e as abelhas esvoaçavam ao redor de sua bocca vermelha, — doce como uma colmeia em que se fabricam favos de beijos. Pairava sobre ella a graça do Senhor, e tinham descido sobre ella todas as benções do céu. Posses a coitadinha da repente a definhar; mais fragil do que a onda que se quebra na praia a saída de minha filha foi fanando. Flor que ella era ainda hoje o é, mas tão emmurchecida que só de vel-a os olhos se enchem de lagrymas como neblina de inverno. Seus bracinhos estão agora como hastes supportando o doce peso de duas rosas brancas. Oh! Mestre, tu que és infinitamente misericordioso e bom; tu que geras milagres com a mesma facilidade com que o céu se recobre de estrellas; tu que esconjuras os demonios; ah! tu bem podes salvar um anjinho do Senhor!

Jesus, erguendo o braço de dentro da ampla manga da tunica, pousou de leve a mão no hombro de Jairo, que todo se recobriu de uma refulgente luz; e descerrando os labios, disse em palavras mais doces do que beijos:

— Um homem opulentamente rico, que todas as coisas da terra podia com dinheiro comprar, cultivava com apurado esmero um jardim; tinha elle terra fecunda e boa, e descia de uma fonte a agoa maviosa e tranquillia; sem falar na agoa do céu que era muita. Mas nem a chuva benefica, nem o orvalho da noite poderam fazer que no jardim surgisse mais de uma roseira; e a roseira só deu uma rosa. E o rico homem que ao principio ficou triste, consolou-se pensando que a planta vicejava e que a flor era sempre purpurina e cheirosa. Uma vez a roseira começou a definhar, e a rosa começou a emmurchecer; o homem tudo fez para salvá-as, e todos os conselhos ouviu. E estes eram muitos: uns achavam que eram espinhos; outros achavam que só das lagartas vinha o mal. Enquanto isso, roseira e rosa morriam. Foi então que appareceu um jardineiro, e deu-lhes outra vez a virtude que de Deus trouxera. Tu talvez sejas o homem rico; a rosa é a tua filha; a roseira é a vida; mas eu sou o jardineiro de Deus. Vae, e tem fé! Salvarei a tua filha.

Jairo partiu cheio de esperanza e de fé, — porque, á sua vista, uma mulher doente que se roçou no manto de Jesus logo sarou da enfermidade. Em verdade, em verdade! Que homem prodigioso era aquelle?

Passaram-se algumas horas, e viu o Principe da Synagoga que o Mestre-Perfeito não chega-

va: foi outra vez em sua busca, com marcha vacillante e palavras que hesitavam:

— Mestre! Si tardas em ir, bem receio que só encontres em minha casa um cadaver! Minha filhinha bate ás portas da Morte; já os homens de saber affirmam que é tarde e ella se não salvará. Tem pena de mim! Vae salvar a minha filha!

Jesus moveu para o pae afflicto a refulgencia luminosa dos seus olhos tranquillos:

— Não temas, homem! Eu te disse que tua filha se salvará; guarda mais a confiança e acrescenta a tua fé! Por mais que te digam de perigos insensatos; por mais que te afflijam a esperanza, por mais que te deitem veneno no soffrimento; — lembra-te da minha promessa, e crê na salvação de tua filha! Antes que desesperes terceira vez, eu lá irei e a curarei.

De novo partiu Jairo, e ao voltar-se uma vez viu Jesus em pé e sereno, com a face angelica voltada para o céu azul. Mas ai! de Jairo, que ao chegar á casa teve tempo apenas de beijar a filha que parecia morta. Voltou acompanhado de muitos dos seus á procura de Christo que em caminho encontrou.

— Mestre, vem depressa! Tarde chegarás para salvar a minha filha! E como Jesus se apressasse disseram em torno:

— Oh! Jairo, porque atormentas o Mestre, si tua filha já está morta?...

Mas Jesus, estendendo a branca mão sobre o Principe da Synagoga:

— Não temas! Crê na minha palavra que é a palavra de Deus!

Então, todos aquelles incréos, em alvoroço do milagre promettido, quizeram acompanhar Jesus e Jairo; mas por ordem do Mestre, foram apenas Pedro, Jacobo e João, irmão de Jacobo.

A tarde ia alta, e começava a cahir o crepusculo...

Quando os cinco homens entraram, mais descontraído ia alvoroço em casa de Jairo. Elevavam-se préces como vôos de azas, pedindo misericórdia ao Senhor; depois as promessas cessaram e eram apenas surdas lamentações sobre o corpinho da creança morta. Jesus, á porta, perguntou:

— Porque vos alvoroçaes? Porque tanto gemido e tanto pranto? Serenae os vossos corações, guardae as vossas lagrymas, que a menina não está morta, e apenas dorme...

Isso ouvindo todos riram como ás insensatas palavras de um visionario; e o Mestre, deante da falta de fé d'aquella gente, expulsou a todos dizendo:

— Aqui só permanecerão os que têm fé e amor — porque a misericórdia não é feita nem de pedras nem de cardos.

Depois, acompanhado dos que com elle tinham vindo, e mais tambem da esposa de Jairo, entrou no quarto da menina.

Branca e immovel a formosa creança jazia com os olhos cerrados, a fronte muito pallida, envolta na aureola dos seus cabellos loiros. Jesus achou que os olhos fechados eram como um céu azul dentro das nuvens negras de uma tempestade. A mãe afflicta — que, apenas no quarto, se debruçara chorando sobre o leito da filha morta — ergueu-se de repente, grande, tragica, dolorosa, indo cahir ajoelhada aos pés do Rabbi, que tinham o pó das estradas:

— Jesus de Nazareth, olha para a minha dor e salva esta creança, unica filha das minhas entranhas!

Rabbi Jesckoua sorriu, e disse n'um outro sorriso:

— Tem fé, mulher!

Houve um longo silencio; n'esse minuto d'espanto, Jesus dirigiu-se para o leito. Todas aquellas pessoas eram como estatuas petrificadas: a mãe do anjinho ainda ajoelhada, os cabellos soltos como a coléra do oceano, com os olhos em extase fitava Jesus e a menina; Jairo pallido e immovel segurava a cabeça entre as mãos. Pedro, Jacobo e João, a um canto da sala, ajoelhados rezavam. Jesus sorriu outra vez, — e tomando a mão da menina, murmurou como uma caricia:

— Vem, minha filhinha, levanta-te!

E logo a menina, como si as palavras divinas lhe dessem azas, levantou-se sorrindo, e foi cahir nos braços paternos...

Depois abraçou Jesus que a estreitou ao peito longamente, amorosamente, cobrindo-a de beijos, deante da derramada alegria de Jairo e de sua esposa, deante do assombrado espanto dos companheiros.

Mas aos paes do anjinho parecia, vendo Jesus abraçar e beijar a filha resuscitada, que um milagre tambem n'elle se operara, — e que aquelle Deus pela primeira vez era um Homem...

SUPPLEMENTO

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

Euclides da Cunha

E' alli, em Copacabana, ao rumor das ondas, numa casa batida pelo vento do mar e de janellas abertas para o azul do oceano, que Euclides da Cunha vive a sua existencia extraordinaria, do mais completo e do mais artista historiador brasileiro.

Uma tarde, em que, à rua do Ouvidor, fallavamos de livros e de arte, elle me bateu amigavelmente nos ombros —

— Vai um domingo lá em casa, que diabo! Conversamos, almoçamos e depois sahiremos descalços a passear na praia.

Desde as primeiras paginas dos «Sertões» que eu comeciei a ter pelo historiador de Canudos a mais cega e commovida admiração. Não era admiração apenas, era mais — adoração — adoração por aquelle escriptor, que imprevisivelmente surgia omnipotente e supremo, para o espanto de uma lingua e de uma raça, por aquelle narrador de guerra que de tão alto se punha para historiar todos os problemas da luta, pelo artista ruidoso e formidavel, que abria uns novos paineis de arte robusta e essencialmente nossa, pelo paizagista incomparavel, evocado, como nenhum outro, gigantesco, replandescente, como ninguém.

Foi num domingo que lá estive. Era sol e era azul. A casa estava com as janellas abertas para o vento do mar rumorejante da alegria das ondas proximas, que, na areia, se esfarellavam, toda lavada do sol d'aquelle domingo alacre.

Euclides é um simples como nunca vi assim. Quem o encontra na rua, magro, o rosto carregado, numa profunda concentração, não acredita o que pode haver de alegre, carinhoso e desprendido, naquella alma. Quem devora as paginas rutilantes dos «Sertões» imagina que alli está um escriptor de socego e methodo e que a obra foi feita com o maior dos methodos e o mais regular dos socegos.

Nada d'isso. Nem uma cousa nem outra. Euclides nunca se «assentou». A sua vida tem sido uma vida errante, ora aqui, ora alli, numa commissão, noutra, as malas sempre promptas, os livros dentro das malas. Ora em Minas, em S. Paulo, no Amazonas, no Acre, em Canudos; de lapis na mão, enchendo de algarismos os livrinhos de notas, como engenheiro.

Ao que elle conta, desde estudante que o seu sonho é pousar; ter uma vida pacata, a sua casa, tudo em ordem, os seus livros arrumadinhos, a hora certa de comecar o trabalho, a hora certa de terminal-o, e hora certa

de acordar e dormir. E nunca teve. A sua existencia tem sido revolta sem assento em logar nenhum, irregular, imprevisita, incerta, nomado, uma hora aqui, outra onde o diabo perdeu as botas, sempre carregado de trabalho, trabalhando por noites além, um dia no costado de um cavallo, percorrendo sertões, outro medindo terras, outro suando, entre o fragor dos martellos, numa ponte que elle constróe. Um horror!

— Continúo a ser o estudante que era. Tudo se revela.

Ao entrar-se em casa de Euclides, a gente fica à vontade. Não parece que se está em frente de um dos maximos prosadores de uma lingua, mas sim de um rapaz amigo, de um velho camarada com quem se viveu larga quadra, de um companheiro que nos falla do suas cousas como se fossem nossas, uma d'essas creaturas que vão logo à primeira vista, espavorindo a cetimonia, e a quem a gente se sente mal de dar até o tratamento de «senhor».

E o que é curioso, o que mais resalta e o que mais commove, é a profunda modestia de Euclides. Isso d'elle ser o mais completo dos nossos historiadores, o artista extraordinario, o escriptor surpreendente, o paizagista formidavel, isso, somos nós aqui fora que o dizemos. Elle, elle é que não está convencido d'isso. A sua modestia é organica. O «Sertões» para elle nada tem de extraordinario. E' um livro como outro qualquer.

Aquellas paginas assombrosas, eheias d'aquelle fragor e d'aquelle comburencia de phrase, d'aquelles paineis faustosos, que nos fazem vibrar e arder de entusiasmo e de orgulho, para elle são paginas rasteiras, cobertas de defeitos. De defeitos!

— De defeitos, sim! confirma Euclides, muito espantado de ninguém ter dado por isso. Aqui estão elles.

Na nova edição dos «Sertões» fiz seis mil emendas. Não se diga que sejam erros de revisão, são defeitos meus, só meus. E mostrou-nos o livro, onde em cada pagina apparecem pelo menos trez remendos.

— Hei de concertar isto por toda a vida. Até já nem abro os «Sertões» porque fico sempre adormentado, a encontrar imperfeições a cada passo.

E' ao almoço, numa sala aberta para o mar enquanto o vento da praia agita os guardanapos, que Euclides me conta como escreveu os «Sertões».

Estava por esse tempo em S. José do Rio Pardo, reconstruindo uma ponte. Era um trabalhar sem conta, noite e dia, elle alli a dirigir as obras, sempre à frente, no tumulto dos operarios.

A ponte construida por outros engenheiros havia uma noite desabado desastreadamente e o governo de São Paulo convidara-o a reconstruila.

A obra era da mais alta responsabilidade, principalmente depois do desastre. Euclides, por amor proprio, em respeito à sua carta de engenheiro, estava sempre à testa de tudo. Morava numa casinha a dois passos

das obras e passava os dias em calculos, a lutar com os «x» da mathematica. Foi ali que lhe veio a idéa de escrever os «Sertões».

Um livro d'aquelle peso toda gente tem a impressão de que o seu autor escreveu-o cercado de volumes para consultar. Não foi assim. Euclides não tinha um livro comsigo, nem uma historia do Brazil, nem um volume de geologia. Nada.

Mas assim mesmo atirou-se. A todo o momento tinha que levantar-se, para vir vêr a marcha do trabalho da ponte, que se ia erguendo; quando estava num trecho d'esses com que os escriptores se torturam e dão um pedaço de vida para acabar-o, eis que um operario vinha chamal-o para solver uma difficuldade. Apesar d'isso os «Sertões» iam oaminhando. A tarde o juiz de direito, o presidente da Camara Municipal, mais duas ou trez pessoas do Rio Pardo, reuniam-se à casinha de Euclides, para ouvir o «follhetim».

Elle lia então as tiras que havia escripto durante o dia. D'entre as pessoas que vinham ouvi-lo, havia um paulista conhecedor dos sertões; um d'esses talentos fulgurantes, estupendos que nunca são conta alguma porque nunca entraram numa escola. Esse homem tinha cocegas de escriptor. Tinha lá os seus versos, as suas tiras de papel cheias de rascunhos litterarios. Euclides da Cunha fallou que ia descrever o «estouro da boiada», um dos quadros mais epicos e mais sinistros dos campos e mattas brasileiras.

Nunca havia visto o «estouro»; sabia-o apenas por informação; por ouvir contar. O paulista vira diversos, estava «cansado de vêr» dizia elle.

— E se «seu» doutor quizer, «seu» doutor escreve, eu escrevo tambem e vamos ver quem é que faz mais perfeito.

Euclides teve, deveras, medo d'aquella proposta. Atirou-se à descripção, receioso de ser derrotado. No outro dia, à tarde, o matuto apresentou-se corajosamente, com as suas tiras de papel.

O juiz de direito, o presidente da Camara, as duas ou trez pessoas do Rio Pardo, esperavam o duello.

— Leia!

— Leia o doutor primeiro!

Euclides leu. Leu aquella descripção incomparavel, assombrosa, que nós todos conhecemos nos «Sertões». E ao terminar voltou-se para o homem.

— Leia!

— Qual nada «seu» doutor. Olhe alli. No chão, as tiras do pobre homem estavam aos pedacinhos, esfrangalhadas.

— Eu vou então ler alguma coisa depois d'isso?! Não é possível, não é possível, que o senhor não tenha visto pelo menos cem «estouros de boiadas».

E no meio da barulhada infernal dos martellos, das traves de ferro, dos foles, os «Sertões» caminhavam.

Quando a ponte ficou concluida, o livro estava concluido tambem.

Ninguém sabia nesse tempo que Eu-

elide s'era escriptor. Elle apenas se havia mostrado no «Estado de São Paulo», numas chronicas ligeiras, com as iniciaes. Tinha medo da publicidade. Mas resolveu-se a publical-o. O juiz de direito, o presidente da Camara do Rio Pardo, o matuto do «estouro», haviam lhe dito que o livro era bom. Foi a S. Paulo e levou-o ao «Estado», para publical-o em folhetins.

O maço de tiras era enorme. Isso parece que espantou. Seis mezes depois, ao voltar a S. Paulo e ao subir à redacção do «Estado», lá encontrou, num canto o seu embrulho de tiras, empoeirado. Pol-o debaixo do braço, e veiu a ao Rio de Janeiro. Não conhecia aqui nenhum escriptor a não ser Lucio de Mendonça. Lucio de Meudonça procurou-lhe editar. O escriptor era desconhecido e o volume de tiras assustava. Os editores torciam o nariz.

O «Jornal do Commercio» não quiz a obra para folhetins.

Afinal o velho Masson da casa Laemert, depois de muito pensar e de muito vacillar, disse que ficava com o rôlo de tiras.

Entra o livro no prelo. Mezes depois Euclides, que por essa feita estava em Lorena, é chamado para vir vêr a sua obra. Vem; ao chegar à Companhia Typographica, à rua dos Invalidos, abrindo ao acaso um volume lá encontra um «a» com uma crase intrusa, adiante uma virgula de mais, etc. etc. Elle estava nesse tempo atacado de uma neurasthenia profunda. Aquella crase, aquella virgula, aquelles outros erros, pareceram-lhe grandes blocos de pedra, que vinham atacar o seu nome. Que horror! E a ponta de canivete (parece mentira, mas é verdade) a ponta de canivete, em dous mil volumes, Euclides raspu oitenta erros. Foram cento e essenta mil emendas!

Levou dias e dias nessa trabalhadeira gigantesca.

Os operarios da typographia estavam assombrados com aquillo. Elle passava os dias, as noites, curvado sobre os volumes, a raspar com a pontinha do canivete.

Só acabou na vespera da ohegada do barão do Rio Branco, em dezembro de 1902. O livro ia ser posto à venda no dia seguinte.

Um extranho pavor se apoderou de Euclides. Tiuha certeza de que a obra ia ser um desastre. E pediu ao editor que retardasse a venda para d'ahi a trez ou quatro dias. E tocou-se para Lorena.

O seu pavor tinha crescido estupidamente, tanto que, chegando a Lorena à meia noite, às trez da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá! O que elle queria era fugir, esconder-se no no fim do mundo, não vêr mais ninguém, rasgar o livro, não ter noticias do «desastre». E andou oito dias a cavallo pelo interior de S. Paulo, sem destino. O que lhe passava pelo espirito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas chronicas dos jornaes.

— Para que me fui metter eu nisso, senhores!

Ao chegar aos pousos do sertão, onde os sertanejos vinham receber-o ao terreiro, para hospedal-o, as reflexões que lhe acudiam eram interessantes.

— Ora veja, dizia, estes homeis me tinham em tão boa conta!

Ao fim de oito dias sentiu saudade da familia. Do livro não tinha a mais vaga noticia. Mas via-se servindo de troca nas rodas litterarias da rua do Ouvidor, o editor desesperado com a «buxa», a mandal-o para o inferno. Chegou a Taubaté, de volta, empoeirado, à tarde. Depois da chegada do trem do Rio, seguia um expresso para Lorena. Enquanto esperava o expresso foi comer alguma cousa, no «restaurant» da estação.

Chega o trem do Rio. Uma multidão de passageiros salta e corre para o «restaurant». Entre elles um homem alto, barbado, de guarda-pó e um livro debaixo do braço. Euclides tem um sacolejão. Se não se enganava tinha visto os «Sertões» sob o braço do homem. Parece que foi alguma mola que o fez levantar-se. Chegou-se ao typo, sacudido de emoção.

— O senhor pode deixar-me vêr esse livro?

O homem fitou-o, mediu-o e serio, desconfiado, de má vontade, estendeu-lhe mudamente o livro, sem largal-o.

Era mesmo o «Sertões».

— Obrigado.

O seu desejo foi atirar-se ao sujeito e abraçal-o. Mas voltou para a sua mesa. E poz-se a pensar e repensar. O livro estaria fazendo successo? Teria sido bem succedido? Os jornaes o que estariam dizendo? E a figura do passageiro de guarda-pó surgia-lhe à imaginação. Aquelle sujeito não tinha cara de gostar de lêr. Se estava lendo seu livro é porque estava gostando. E estaria mesmo? Quem sabia se aquillo não era apenas ostentação, vaidade de mostrar-se aos outros passageiros do trem como leitor de um livro grosso! Podia ser! Mas como foi que elle comprou o livro? O volume custava dez mil réis.

Só se dão dez mil réis por um livro, quando se sabe, ou se ouve dizer, que esse livro é bom.

Se aquelle homem comprou, é porque ouviu dizer, ou por um amigo ou pelos jornaes. Mas podia ser que aquillo fosse um presente. Podia. E o sujeito estaria gostando? Se elle não estivesse, ao saltar do trem para tomar um refresco na estação, deixaria o volume no seu banco. Se o trouxe debaixo do braço era porque o livro lhe era precioso. Mas tambem podia ser que fizesse aquillo para que lh'o não roubassem. Mas um livro mau, ninguém se importa que carreguem com elle.

Enesse torturar de espirito, Euclides chegou a Lorena. Esperavam-lhe jornaes e cartas. Cartas do editor. Do editor havia duas. Abriu uma ao acaso, por felicidade. Por felicidade era a segunda! Nessa carta, o editor dizia que estava assombrado com a venda do livro e que em oito dias estava quasi esgotado um milheiro; contava-lhe do successo, das criticas dos jornaes, do barulho que a obra estava fazendo.

A outra carta, a primeira, era esmagadora. O editor confessava-se-lhe redondamente arrependido de tel-o editado, dizia que não havia vendido um unico volume e mais: que sendo oada volume pelo preço de dez mil réis, mandára offerecer aos «sebos»

da rua S. José, por cinco e nem um só aceitara.

— Se eu tivesse lido essa carta em primeiro logar, parece que morreria, conclue Euclides, sorrindo.

E' essa a historia ingenua da obra maxima da nossa litteratura.

A profunda modestia de Euclides é organica.

Com a publicação dos «Sertões», quem mais se espantou foi elle.

Nós nos espantamos de ver que a nossa raça já tinha um escriptor, que attingira ao mais alto grau de perfeição.

Elle se espantou ao saber que esse escriptor era elle.

Rio, 1909.

VIRIATO CORREIA.



A «Atlantida»,

O romance de Pierre Benoit — «Atlantida» — apparecido depois da guerra assignala bem as modernas tendencias da literatara.

Eis o seu entrecho:

Dois officiaes francezes, o tenente Ferrières e o capitao Saint-Avit se preparam para partir para o Sahara em exploração. Murmura-se que alguns annos antes, em exploração analogo, o capitão Saint-Avit assassinára o seu companheiro, capitão Morhange, crime que, certa noite, o proprio Saint-Avit confessa a Ferrières. Como e porque — é o romance:

A certa distancia do macisso de Hoggar, uma tempestade apanhou Saint-Avit e Morhange, que então puderam salvar um Thouareg que se afofava numa torrente subitamente formada pelas aguas da chuva intensa. Ao mesmo tempo, Morhange descobre na gruta, onde se tinham abrigado, uma inscripção que lhe faz crêr que a Atlantida de Platão ainda existe. O thouareg, de nome Chegheir ben Cheik diz conhecer o caminho e promete conduzil-os.

Entrando em suas funcões, o guia começa por embebedal-os com hash-chich. A primeira impressão é a de que atravessam um corredor, penetrando num palacio extranho, ao centro de uma região cercada por uma triplice cadeia de montanhas e de mares extinctos. Sobrevivem ahi os derradeiros Atlantas, com seus escravos negros e alliados aos Targui (os Thouaregs, como nós dizemos). Sua rainha descende ao mesmo tempo de Cleopatra e dos reis atlantas, a menos que não seja de uma pequena e impura celebridade do Segundo Imperio. Apreciando muito os europens, ella manda capturar aquelles que se aventuram até os arredores da Atlantida, fazendo-os seus amantes, pois ninguém resiste à sua belleza. Quando se farta delles, fal-os matar e, depois, em vez de embalsamar-os, transforma-os em bronze, por meio do um processo de galvanoplastia. Dos recém-chegados, ella prefere Morhange. Mas, especie de monge soldado, Mo-

rhange repelle-a. Portanto, morrerá. E por um refinamento de perversidade feminina, quem o inmolará ha de ser o tenente Saint-Avit, que, de facto, o assassina depois de embriagado por ella com sobrehumana voluptia. Em seguida, Saint-Avit acha meio de fugir, graças á pequena escrava Tanit Zerga e a Chegheir ben Cheik, que lhe diz: -- Tu me salvaste da agua; devo-te alguma coisa: aliás, em primeiro lugar, como mataste teu camarada, estou certo que não dirás donde vens e em segundo lugar, sei que não terás mais que um desejo, voltar.

Effectivamente, Saint-Avit e Ferrieres partem com Chegheir para a Atlántida e pode-se suppor que tudo vai recommear...



Paulo Eiró

AMEL-TE

Amel-te! do poeta a alma incendiada
Precisava adorar, fosse um momento,
Formosa estatua sobre altar de argento.
No molde de seu peito derruada.

Estatua foste, sim! nem commovida
Tornar-te pôde meu aroz tormento.
Essa chamanna infeliz que, sem sus-
tento,
Me devorava pouco a pouco a vida.

Das o culto fanático abalado
Está por teu rigor, por esse zelo
Com que, paga de amor, me dás
[agrado.

Amante posso ser, deixar de sel-o...
Mulher, o coração é limitado:
No fundo dos vulões também ha gelo.

A proposito do mallogrado poeta paulista, do quem damos acima um soneto, escreveu Amadeu Amaral em abril de 1918, na «Vida Moderna», a seguinte chronica:

Passou ha poucos dias, — e passou, naturalmente, sem que o publico desse por isso, — o anniversario da morte de Paulo Emilio de Sullés. Um nome desconhecido, um talento ignorado, uma vida rapida e angustiada, sepulta sob a poeira de quatro para cinco decenios... Não importa. Sob a cauda dos successos da hora presente, com todos os seus ruinos, o chronista não pôde esquivar-se á melancolica sedução dessa interessante figura, que, do fundo do tempo, esbatida na penumbra do olvido, parece

fitar-nos os seus olhos parados, fulgentes da claridade morta dos sonhos que se extinguiram com elle. Paulo Emilio de Sullés nasceu em Santo Amaro, ali por 1836. Se S. Paulo, em 1836, era uma aldeia grande, pôde imaginar-se o que seria, na sua extenção e na sua vida, esse ainda hoje pequeno e modorrento villarejo á margem do Jurubatuba e ao sopé do Morumby. Foi nesse acanhado scenario, mais isolado do mundo que as localidades sertanejas de agora, que o pequeno Paulo Emilio se fez menino e moço, conheceu os homens e as coisas, e despertou para os exercicios austeros do espirito. Mas o aguicheo, onde quer que tenha visto a luz, seja no alto da escarpa, seja no fundo de uma grotta, é sempre uma agua pequena. O rapazelho santamarense, no meio de uma população rarefeita e ignara de sitiantes, de tropeiros, de mercadores e de caipiras, surgiu com o sello divino e tragicodagenialidade. Nasceu com azas. Tentou-as. Sentiu o deslumbramento e a tortura, o orgulho, a curiosidade, a tenção, o receio, a vertigem da visão alta, para além do horizonte commum, muito para além de onde chegavam as vistas mais agudas da terreola. Viu esplendores que em redor delle ninguem suspeitava, e, ai, do pobre rapaz! tambem viu os abysmos da miseria e da dor humana, por cujo estrel jamais esvoaçaram as almas felizes, sem mais aza que a sufficiente para uns vóos cansados, á flor do terreiro natal. Reconcentrou-se, ensombrou-se, tornou-se uma figura extravagante, caprichosa e incomprehensivel. — um «poeta». Esse poeta chamou-se Paulo Eiró, appellido obsoleto de um ascendente qualquer, que lhe ajustava melhor á personalidade original e lhe falava mais á esthesia. Durante algum tempo — apenas o tempo de uma juventude — o preta passeou entre Sauto Amaro e S. Paulo, sem muita publicidade e quasi sem confidentes, arisco e incomprehendido, os seus sonhos e as suas illusões, os seus ideaes e os seus anhelos, as suas maguas e os seus desconsoles. Até que um dia a cabeça ensanguentada dos embates do mundo, combalida pelos tormentos do coração e da intelligencia, emperrou, desarticulou-se e poz-se a trabalhar aos estremeções e ás guinadas, com ruidos arhythmicos de machina em ruina. Levaram-no para o hospicio. Da profunda noite em que esteve mergulhado por mais de dez annos, não saí senão para essa outra noite maior, sem estrellas nem lua, de cuja treva ainda ninguem tornou. Os dez annos, ou pouco mais, que elle viveu entre a meninice e a loucura, foram-lhe, entretanto, sufficientes para compôr tres livros de versos, um drama e

um numero de pequenos trabalhos avulsos. Nos livros de versos, para só dellas falar, o talento irradia em todo o fulgor da evidencia. Sentese ali o desabrochar de uma alma profunda e grave, sensivel, apaixonada e pensativa, sedenta de comprehensão e de belleza, de amplitude e de força... Paulo Eiró foi, chronologicamente, o primeiro poeta verdadeiro de que S. Paulo se pôde orgulhar, — de que S. Paulo se poderá orgulhar quando o conhecer, como é preciso, como é indispensavel que o conheça. Esperemos que alguém se incumba da apresentação, nos moldes amplos que o valor do desventurado moço tanto merece, isto é, através de uma edição conveniente dos mais perfectos dos seus versos.

AMADEU AMARAL



De Anacreonte

A filha de Tantalos foi transformada em rochedo sobre as ribanceiras da Phrygia: a filha de Pandion voo sob a forma de uma andorinha. Por mim, queria tornar-me espelho, para que me olhasses sem cessar; tunica, para que me tragas sempre contigo. Queria ser, ó minha amiga, a agua em que banhas teu corpo; a essencia de que te perfumas; a faixa que sustem os teus seios, a perola que orna o teu pescoço; queria ser sandalia; pelo menos tu me calcarias aos pés.

Os cavallos têm nas ancas a marca impressa a ferro em brasa: reconhecem-se os Parthas pela sua thiará; eu, por mim, sei distinguir logo os amantes. no fundo da alma, têm elles uma matea leve.

Como és feliz, cigarra, quando no alto das arvores, bebida uma gota de orvalho, dormes como rainha. Tudo o que te cerca é teu teu — o que vés na planicie e o que produz a floresta. És amada dos camponios, a quem não causas nenhum mal; és honrada pelos mortaes que sandam em tí a amavel mensageira do estio. As massas te querem e o proprio Apollo, que te deu uma voz harmoniosa. A velhice não pode atingir-te: filha da terra, tu que não amas senão o canto, tu que não enheões o soffrimento, tu que não tens nem sangue, nem carne, tu és quasi semelhante aos deuses.

ACABA DE APARECER

ALLEMANHA SAQUEADA

POR MARIO PINTO SERVA

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES R. BOA VISTA, 52 - S. PAULO

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL		F. T. DE SOUZA REIS	
A Pulseira de Ferro (novella)	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico)	4\$000
Um soneto de Bilac (critica)	2\$000	WALDEMAR FERREIRA	
MONTEIRO LOBATO		Manual do Commerciante	8\$000
Os Negros (novella)	1\$000	Estudos de Direito Commercial	10\$000
LÉO VAZ		A Hypotheca Naval no Brasil	3\$000
Ritinha (novella)	No prélo	AUCTORES DIVERSOS	
GUSTAVO BARROSO		O que todo o commerciante precisa saber (10.º milheiro)	2\$000
Mula sem cabeça (novella)	No prélo	Almanach Commercial Brasileiro de 1918	6\$000
A. DE SAMPAIO DORIA		NICOLAU ATHANASSOF	
O que o cidadão deve saber (10.º milheiro)	3\$000	Os Suínos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro)	

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romancé por Lima Barreto	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição	3\$000	4\$000	PAÍZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Aparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 x 12 1/2 centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

10

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).